

■ Painelaços e ruídos: a multidão entra em ação¹

Graciela Hopstein

Nos primeiros dias do mês dezembro de 2001, o governo do então Presidente De La Rúa - impulsionado pelo seu "superministro"² Domingo Cavallo - decretou medidas que estabeleciam o confisco dos depósitos bancários, limitando a disponibilidade de saques de todas as contas correntes e das poupanças existentes no sistema. O denominado "corralito"³ impunha não apenas restrições na circulação do dinheiro, mas também ocasionou quedas abruptas nos níveis de compra e consumo e terríveis problemas para realizar operações financeiras e comerciais, complicando ainda mais o panorama econômico recessivo⁴ do país, e a grave crise político-social que a cada dia apresentava-se como verdadeiramente insustentável.

Sem dúvida, esta perversa resolução tentava frear uma descontrolada corrida bancária originada principalmente pelos pequenos correntistas,⁵ que procuravam salvar seus capitais frente ao rumor de uma possível desvalorização do peso e de uma drástica saída da "convertibilidade", que regeu por mais de dez anos a vida econômica (embora não exclusivamente) dos argentinos.

¹ A reconstrução dos acontecimentos históricos que aparecem detalhados neste artigo foram obtidos a partir do site <http://www.elcacerolazo.org>. Este artigo foi escrito no mês de janeiro de 2002. Todas as reflexões sobre o conceito de multidão que figuram ao longo do trabalho são originárias de autores tais como Toni Negri, Michael Hardt, e Paolo Virno, entre outros.

² Quando Domingo Cavallo assumiu o Ministério de Economia, em julho de 2001, foram-lhe atribuídos, com a validação do Congresso Nacional, poderes extraordinários para que pudesse implementar "com liberdade" (e sem obstáculos de nenhuma força política) medidas apropriadas e efetivas para resolver a grave crise econômica que atravessava (e atualmente atravessa) o país. Esta designação de "super poderes" lhe valeu a denominação de "superministro".

³ O denominado metafórica e popularmente "corralito" - curralzinho - alude à situação de bloqueio e confisco das contas bancárias. Segundo o Dicionário Aurélio, o curral é o lugar onde se junta e recolhe o gado.

⁴ Segundo as estatísticas oficiais, Argentina verificou nos últimos quatro semestres um crescimento econômico negativo.

⁵ Essa medida prejudicou principalmente aos pequenos correntistas, já que os grandes tinham conseguido "salvar seus capitais líquidos" transferindo o dinheiro existente nos bancos nacionais para contas no exterior.

A Argentina aparecia para o mundo como um "Titanic" sem rumo nem capitão. A crise econômica que foi se agravando e complexificando desde a "era menemista" conjugava-se com uma autêntica crise político-institucional, traduzida na inabilidade total da classe política de gerar e conduzir políticas públicas sustentáveis e, o que é mais grave ainda, na incapacidade de tomar decisões (inclusive de ordem prática) orientadas a combater a crise e a desenvolver um processo político "limpo" contra as "clássicas" fórmulas corporativas e corruptas⁶. A crise argentina ocupava longas colunas em reconhecidos e prestigiosos jornais internacionais, constituindo uma fonte de preocupações, tanto para os organismos transnacionais como para um importante conjunto de países, basicamente para aqueles que possuíam importantes inversões (em capital fixo) na Argentina.

Evidentemente, as medidas implementadas geraram as mais diversas reações de ódio, perplexidade, incerteza, indignação e desespero. As longas filas e aglomerações nas portas e corredores dos bancos, as perguntas sem respostas, as declarações angustiantes e o pranto de muitos frente às câmeras da televisão indicavam claramente que o "corralito" resultava uma medida insustentável para um amplo setor da população.

Os primeiros "protestos" (ainda na sua fase embrionária) emergiram através dos diversos meios de comunicação. Um conjunto importante de jornalistas, condutores de programas de rádio e TV, colunistas e intelectuais começaram a expressar as suas opiniões e críticas, não só em relação à gestão do governo vigente (e pela sua sistemática falta de ação), mas principalmente à falta de projetos políticos e econômicos alternativos e a ampla inoperância demonstrada pela corrupta classe política argentina..

Com o passo acelerado dos acontecimentos e com a ausência sistemática de respostas, a princípio, o que aparecia como um protesto difuso (e até de caráter individual) nos espaços públicos urbanos (nos locais de trabalho, nas conversas de café, etc.) e nos âmbitos da vida privada - tornou-se rapidamente um autêntico movimento público de desobediência. Na semana do 17 de dezembro

⁶ A campanha política da denominada Alianza (entre o Partido Radical e o FREPASO) esteve centrada na "promessa" e no "compromiso" de conduzir un processo político "limpio", quer dizer, de combate à corrupção.

começaram as primeiras manifestações de insurreição. As imagens na TV mostravam, primeiro nos principais centros urbanos do interior do país (talvez os mais castigados), horas mais tarde se estendendo para o "conurbano bonaerense"⁷ (área metropolitana) e logo se espalhando ao longo do país inteiro. Uma *multidão de mulheres, homens, crianças, desocupados, estudantes e agora também às classes médias urbanas empobrecidas* saqueavam supermercados; interditavam estradas e caminhos; e atacavam de forma direta (com insultos e pedras) as forças policiais que tentavam "controlar os atos de violência" e "restabelecer a ordem". Deixando de ser indivíduos reclamando isoladamente, começaram a emergir um conjunto de singularidades diferentes, indefinidas, abertas, heterogêneas e múltiplas manifestando de forma espontânea - isto é sem nenhum tipo organização política *a priori* - seu **direito de resistir**.

Na calorenta noite do 19 de dezembro, o governo decretou o estado de sítio sem prévia consulta nem aprovação parlamentar. Acabado o discurso do presidente, pronunciado em cadeia de televisão nacional - que mostrava a De La Rúa numa atitude de completa derrota, que, paradoxalmente, convocava à "união dos argentinos" - começaram a soar as primeiras panelas nos bairros da capital portenha. Esse som tímido e difuso, proveniente dos apartamentos e casas da "classe média" de Buenos Aires, em lugar de se extinguir, foi aumentando em intensidade e extensão. Os últimos programas de TV informavam que estava se produzindo um fenômeno espontâneo e generalizado em todos os bairros da cidade: começava "*El Cacerolazo*", "*El Gran Cacerolazo*" (Panelaço). Os irritantes sons metálicos oriundos das panelas - esse objeto doméstico tão carregado de símbolos e significados - conseguiram pôr em movimento os corpos e as mentes. As pessoas começaram a sair de suas casas para se encontrar nas esquinas de cada bairro. Logo, quase à meia-noite, começaram a caminhar até a Praça de Maio⁸. Os meios informavam que "os protestos" envolviam quase

⁷ O "Conurbano Bonaerense" (Região Metropolitana de Buenos Aires) é a região onde se encontra a maior proporção de desocupados e pobres do país, que, segundo as informações difundidas pelo INDEC (Instituto de Estatística da Argentina), atingem 50% da população.

⁸ A Praça de Maio, localizada no centro da capital do país, é o lugar onde se encontra a sede do governo (Casa Rosada) e a Catedral Metropolitana. Essa praça foi o cenário onde ocorreram os principais eventos políticos e históricos do país.

todos os bairros da capital. Milhares de pessoas com panelas: *mulheres e homens de diversas idades, crianças, jovens, estudantes, desocupados, Madres de Plaza de Mayo* [...]. As pessoas gritavam de forma unívoca: "*Que se vayan todos, que no quede ni uno solo*"⁹. Eram altas horas da madrugada e a cidade voltou a cobrar vida. A multidão começava a ganhar as ruas. Os espaços públicos demonstravam sua força criativa expressa não somente pela "*potencia de 'lo mucho' sino la potencia de muchos*"¹⁰.

Com a emergência desses inusitados acontecimentos, o governo ordenou, horas mais tarde, a repressão policial. A partir desse momento, começaram os confrontos entre a polícia e os manifestantes: alguns tentando resistir sem violência, outros respondendo com pedras e paus. As revoltas deixaram um saldo de muitos detentos, feridos, e sete mortos só na capital federal. No centro da cidade de Buenos Aires, sete cidadãos foram assassinados à queima-roupa pela Polícia Federal, tal como foi Carlo Giuliani em Gênova. Horas mais tarde, os meios informavam que o número de vítimas chegava a 31 em todo o país. Talvez teriam sido muitos mais se De la Rúa não apresentasse sua renúncia e fugisse num helicóptero da Casa Rosada (palácio do governo).

A tensa calma dos dias seguintes foi acompanhada de uma contínua sucessão de presidentes eleitos entre as próprias cúpulas partidárias, desrespeitando os princípios básicos da democracia representativa - e pelos contínuos anúncios de medidas econômicas confusas e inoperantes.¹¹ Neste cenário, a classe política argentina aparecia não apenas completamente (e claramente) deslegitimada perante sua incapacidade de dirigir e conduzir o país, mas também se mostrou soberba, insensível e surda diante dos protestos e reclamações da população. Os panelaços continuaram e, sem dúvida, sua existência interrompida até hoje começaram a mudar claramente a história política argentina. Estes protestos de caráter estritamente espontâneo não estão conduzidas por nenhum grupo político, nem por sindicatos, nem partidos políticos. Através das

⁹ N de T: "Que tudo mundo vá embora, que não fique mais ninguém"

¹⁰ NEGRI, A. *El Poder Constituyente*. Madrid: Librerías Prodhufi, 1994, pág. 375.

¹¹ Resulta interessante lembrar aqui que entre a renúncia de De la Rúa e até a posse definitiva do Presidente Duhalde (em 2/1/2002), quatro presidentes assumiram o governo do país, sem contar que durante esse conturbado período o sistema bancário e cambial estiveram totalmente inativos.

assembléias de bairro (formadas por vizinhos), totalmente autogestionárias, horizontais e democráticas produz-se uma ruptura irreversível com o regime político estabelecido. Está se gerando uma mudança radical da cultura política argentina, já preanunciada nas últimas eleições do passado (24/10/01), nas quais apenas 50% do eleitorado participou dos comícios, e desse total, aproximadamente 30% dos votos foram nulos e impugnados¹².

No contexto dos *panelaços*, aparece um novo sujeito político capaz de gerar novas práticas e formas de luta. Como pensá-lo? Quem são esses "muitos"? É a "classe média" que reage ao racionamento do dinheiro e perante à arbitrária violação do direito de disponibilizar seus próprios recursos. São os desempregados - provenientes do setor industrial, principalmente - que perderam, junto com o emprego, o acesso a um conjunto de direitos sociais. São as famílias que assistem o desmoronamento do sistema educacional e com ele a imagem de um país fortemente expansivo e socialmente incluído e com efetivas possibilidades de mobilidade e de ascensão social.¹³ São os argentinos que desconfiam da classe política e que não encontram respostas nem soluções viáveis no sistema político representativo. É a multidão que resiste à obediência. É uma multiplicidade sem unidade política que é incapaz de fazer promessas, pactos, e de adquirir ou transferir direitos. É um novo sujeito político que se expressa como um conjunto de "minorias atuantes", mesmo sem o desejo de se transformar em maioria ou em governo, mas sim pretendendo, ao contrário, obstruir os "clássicos" mecanismos da representação política.

No presente dos *panelaços* é a **potência democrática da multidão** a força capaz de organizar "o novo" e de construir um novo conceito do "político" que se confunda com "o social". Aqui democracia significa *expressão multilateral da multidão, radical imanência da potência, exclusão de todo signo de definição externa*, e o que pode resultar mais radical ainda, a negação de todo poder constituído, oposição à idéia de constitucionalismo e de todo signo de transcendência¹⁴.

¹² Resulta fundamental salientar que, na Argentina, o voto é de caráter obrigatório.

¹³ A decidida intervenção histórica por parte do estado num ambicioso projeto educacional não apenas foi capaz de dar um sentido coletivo para uma sociedade conformada basicamente por imigrantes europeus, mas que se revelou também como uma marca distintiva entre os países da região.

¹⁴ NEGRI, A.; *Op.cit.*; pág. 391

O *panelaço* é uma manifestação de protesto massivo, difuso, descentralizado contra as formas jurídicas e forças do capitalismo globalizado, isto é contra a poderosa máquina imperial. Não respeita calendários nem a nenhuma organização hierárquica. É antes uma manifestação de recusa e de resistência contra qualquer forma de poder e dominação. Talvez seja por isso que, para muitos, possa ser vista como "perigosa" e "incontrolável". O *panelaço* aparece assim como uma nova forma de resistência e de luta e até poderia ser interpretado como o primeiro protesto antiglobalização na Argentina. Embora este seja um fenômeno firmemente assentado em condições locais, sem dúvida, também possui dimensões globais, atacando diretamente à constituição imperial.

As perspectivas são incertas, o futuro está completamente aberto. Sentimentos apocalípticos e de temor se entrelaçam com o fascínio pela criação coletiva. Para alguns, esse fenômeno pode ser considerado como a ante-sala do caos e da anarquia social, e talvez o que incomoda e assusta seja precisamente o fato de que realmente tudo parece estar fugindo dos limites e do controle (por acaso, antes podíamos falar de controle?). Não sabemos onde está o ponto de chegada, nem podemos enxergar uma "luz no final do túnel", mas justamente isso não deve preocupar-nos porque é a partir desta dinâmica aberta e constituinte que podemos pensar num processo autenticamente criativo e autogestor da multidão.